

TURISMO E RELIGIOSIDADE COMO VETORES DE DESENVOLVIMENTO EM FELIPE SCHMIDT (CANOINHAS/SC)

Josmar Kaschuk,
Jorge Amaro Bastos Alves

GRUPO DE TRABALHO: GT3: Cultura, identidade e territórios:

RESUMO

O artigo investiga as inter-relações entre memória histórica, religiosidade popular e turismo no Distrito de Felipe Schmidt, em Canoinhas (SC), com base em uma abordagem autoetnográfica. A análise combina vivências do autor, entrevistas com moradores e consulta a fontes documentais, buscando compreender como elementos associados à Guerra do Contestado e às práticas espirituais locais estruturam formas de identidade territorial. São examinados espaços simbólicos, como o Pocinho do Monge João Maria, e figuras de devoção popular, como Nhá Emília, observando-se a persistência dessas referências no cotidiano da comunidade. Argumenta-se que a valorização desses elementos, aliada à participação social e ao planejamento, pode contribuir para a organização de roteiros de turismo histórico-religioso, com potencial para fortalecer vínculos de pertencimento e impulsionar iniciativas de desenvolvimento territorial.

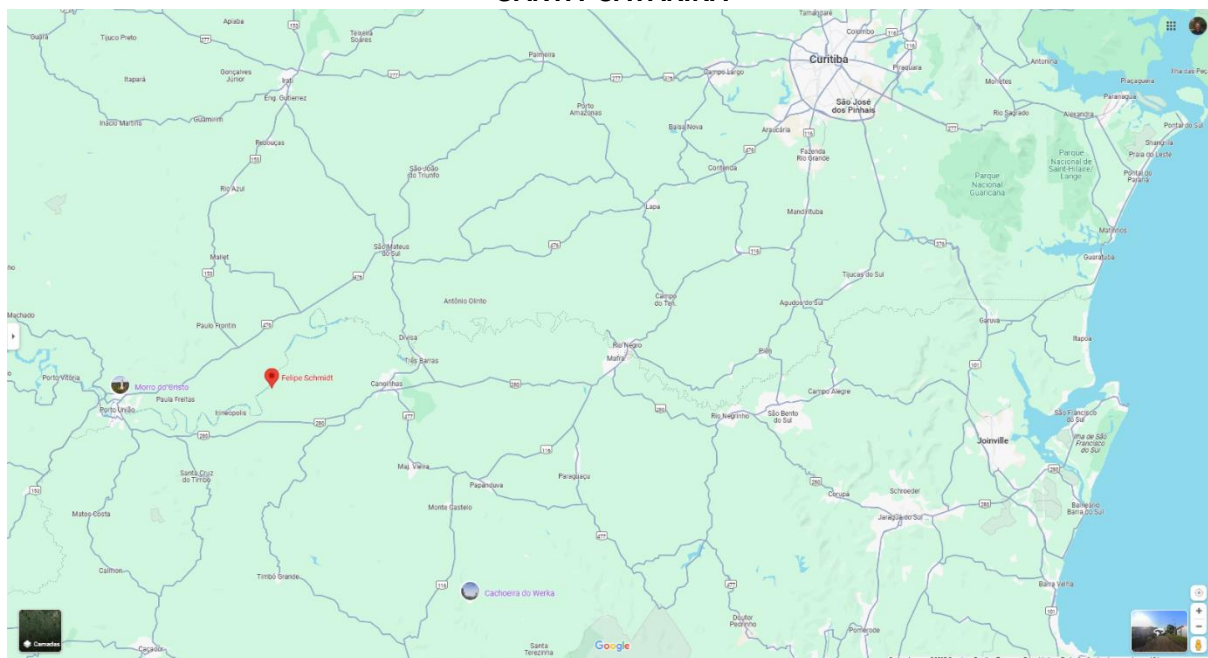
Palavras-chave: turismo histórico. religiosidade popular. Guerra do Contestado. desenvolvimento territorial. patrimônio imaterial.

INTRODUÇÃO

O território reúne elementos físicos, sociais e simbólicos. No caso do Distrito de Felipe Schmidt, em Canoinhas (SC), esses elementos incluem registros da Guerra do Contestado e práticas religiosas populares que continuam presentes na vida cotidiana da comunidade. Esses aspectos podem ser compreendidos como recursos que contribuem para a organização social local e que, em determinadas condições, também permitem a estruturação de atividades econômicas vinculadas ao turismo histórico e religioso.

O distrito de Felipe Schmidt está localizado na porção oeste do município de Canoinhas, no norte de Santa Catarina, próximo à divisa com o estado do Paraná. Situa-se a 40 km do centro de Canoinhas, ao qual está conectado por estradas vicinais e pela SC-477. A partir de Curitiba, capital paranaense, a distância é de cerca de 220 km, utilizando as rodovias BR-116 e BR-280. De Joinville, no litoral norte catarinense, são aproximadamente 230 km, enquanto a distância até Florianópolis, capital do estado, é de cerca de 405 km via BR-280 e BR-101. A posição geográfica do distrito, nas proximidades do Rio Iguaçu e da antiga linha férrea do São Francisco, conferiu-lhe relevância histórica e estratégica nas dinâmicas econômicas e territoriais da região sul do Brasil (Figura 1).

Figura 1. LOCALIZAÇÃO DO DISTRITO DE FELIPE SCHMIDT, CANOINHAS, SC NO NORTE DE SANTA CATARINA



Fonte: Google Maps (2025)

Este artigo examina como a história e a religiosidade associadas a esse território se articulam com possibilidades de desenvolvimento local, tomando como referência a ideia de turismo ancorado em ativos culturais e experiências comunitárias. A escolha desse recorte decorre do papel que tais elementos assumem na conformação da identidade local e na organização das práticas sociais e econômicas da região.

A pesquisa adotou uma abordagem autoetnográfica, articulando relatos pessoais, observações em campo e depoimentos de moradores com registros documentais. A análise parte do entendimento de que a experiência turística, quando relacionada à memória coletiva e à vida comunitária, pode contribuir para a valorização do território, ao mesmo tempo em que reforça vínculos sociais e amplia o reconhecimento de formas locais de produção de sentido.

Nesse contexto, a Guerra do Contestado permanece como referência importante. Mais do que um evento do passado, o conflito segue presente na memória dos moradores e na paisagem local, sendo reinterpretado à luz das experiências cotidianas e da religiosidade popular. A memória do conflito se expressa tanto nos marcos materiais do território quanto nas narrativas que circulam entre as famílias, constituindo uma base significativa para atividades educativas, projetos escolares e práticas de turismo cultural.

O artigo considera também que a religiosidade popular, expressa por meio da devoção a figuras como João Maria e Nhá Emília, pode ser compreendida como uma prática que contribui para a coesão social e para a construção de sentidos sobre o lugar.

REFERENCIAL TEÓRICO

A Guerra do Contestado (1912–1916) foi um conflito que combinou disputas fundiárias, interesses empresariais e mobilização social de caráter religioso. O termo “Contestado” refere-se à indefinição de limites entre Paraná e Santa Catarina, mas passou a designar também a resistência armada de camponeses que se opunham à expropriação de terras e à perda de autonomia diante da expansão de companhias ferroviárias e madeireiras. Fraga (2001) interpreta o movimento como uma reação à desorganização de formas tradicionais de uso da terra e à introdução de novos padrões econômicos e sociais.

A religiosidade, nesse contexto, funcionou como mecanismo de organização e resistência, especialmente por meio da atuação de figuras como os monges João Maria e José Maria, que transmitiam mensagens de esperança, cura e justiça social. Queiroz (1965) define o movimento como messiânico, no sentido de que a liderança religiosa e o discurso profético conferiam legitimidade à mobilização e reforçavam a identidade dos moradores diante das ameaças externas.

A permanência de símbolos religiosos como o Pocinho do Monge João Maria e a devoção à benzedeira Nhá Emília pode ser compreendida à luz da história oral e da memória coletiva, conforme discutido por Portelli (1997), que destaca o papel das narrativas populares na constituição de um repertório identitário compartilhado.

No campo das reflexões sobre turismo e patrimônio, Almeida, Enoque e Oliveira Júnior (2020) observam que o turismo religioso não depende apenas da existência de monumentos ou de estrutura física, mas da mobilização de referências simbólicas e da capacidade das comunidades locais de transformar seus espaços em lugares de significado para visitantes.

A discussão sobre desenvolvimento territorial encontra respaldo em estudos como os de Alves (2008; 2010), que considera o turismo cultural e religioso uma prática que pode fortalecer vínculos sociais e ampliar possibilidades de organização econômica em regiões historicamente marcadas por exclusão. Nesse sentido, os ativos territoriais não se restringem a bens materiais, mas incluem saberes, crenças, narrativas e práticas cotidianas que estruturam a experiência local.

A valorização da memória e da religiosidade, associada à escuta das comunidades e à articulação com instituições locais, pode contribuir para estratégias de desenvolvimento enraizadas no território e sustentadas por vínculos de pertencimento.

METODOLOGIA

Este estudo adota uma abordagem qualitativa, com base na autoetnografia. Essa estratégia permite articular a experiência do autor como morador e educador no território de Felipe Schmidt com registros históricos, entrevistas e observações em campo. A autoetnografia, conforme Ellis, Adams e Bochner (2011), oferece uma forma de análise que integra o olhar

do pesquisador com os processos sociais que vivencia, permitindo explorar narrativas pessoais como fontes legítimas de compreensão de uma realidade coletiva¹.

A coleta de dados combinou três procedimentos principais: observação participante em eventos e espaços comunitários, entrevistas com moradores antigos e análise de documentos escolares, religiosos e institucionais. A triangulação dessas fontes permitiu a construção de categorias interpretativas baseadas nos modos como os próprios sujeitos compreendem a história e a religiosidade locais.

Flick (2004) aponta que a triangulação metodológica contribui para o aumento da validade da pesquisa qualitativa ao permitir o cruzamento de diferentes perspectivas. Essa prática foi acompanhada da devolutiva aos participantes, estratégia recomendada por Denzin e Lincoln (2006) como forma de envolver os interlocutores na construção do conhecimento e de validar interpretações sensíveis às suas narrativas.

A leitura e categorização do material coletado seguiram o princípio da leitura temática, buscando núcleos de sentido que emergiram das falas, práticas observadas e registros documentais. Como orienta Portelli (1997), o trabalho com memória oral exige atenção à forma como o discurso é produzido, à relação entre lembrança e esquecimento e à maneira como os sujeitos narram sua vivência territorial.

A metodologia, portanto, combina escuta ativa, imersão no campo e análise narrativa, em consonância com os princípios da pesquisa qualitativa interpretativa. A experiência do autor é assumida como parte constitutiva do processo de conhecimento.

CONTEXTUALIZAÇÃO HISTÓRICA DO DISTRITO DE FELIPE SCHMIDT

O Distrito de Felipe Schmidt, em Canoinhas (SC), possui uma trajetória marcada por sobreposição de camadas históricas, processos de ocupação territorial e transformações econômicas e simbólicas. O primeiro registro documental da área remonta a 1886, quando o Visconde de Taunay, em viagem pelo Rio Iguaçu, menciona o porto Chapéu do Sol — localidade que daria origem ao distrito.

No início do século XX, a concessão de vastas extensões de terra à Brazil Railway Company resultou na implantação da Estrada de Ferro São Paulo–Rio Grande (EFSPRG). A Southern Brazil Lumber Company, subsidiária da empresa, foi responsável pela estruturação urbana da localidade: inaugurou a Estação Jararaca em 1917 (Figura 2), e realizou o loteamento urbano da vila em 1919. A malha urbana planejada incorporava ruas regulares, terrenos padronizados e áreas destinadas ao comércio, serviços e residências (Bishop, 1917; Kaschuk; Gudas; Marchesan, 2023).

A implantação da ferrovia não apenas redefiniu a ocupação do território como também consolidou Felipe Schmidt como um ponto estratégico no circuito regional de circulação de mercadorias e pessoas. A malha urbana estruturada pela companhia madeireira se inseria, assim, em um sistema mais amplo de fluxos econômicos e logísticos que integrava a localidade às dinâmicas da modernização em curso na região sul do Brasil.

¹ Este artigo é derivado da dissertação de mestrado do autor, desenvolvida no Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Regional (PPGDR) da Universidade do Contestado (UNC).

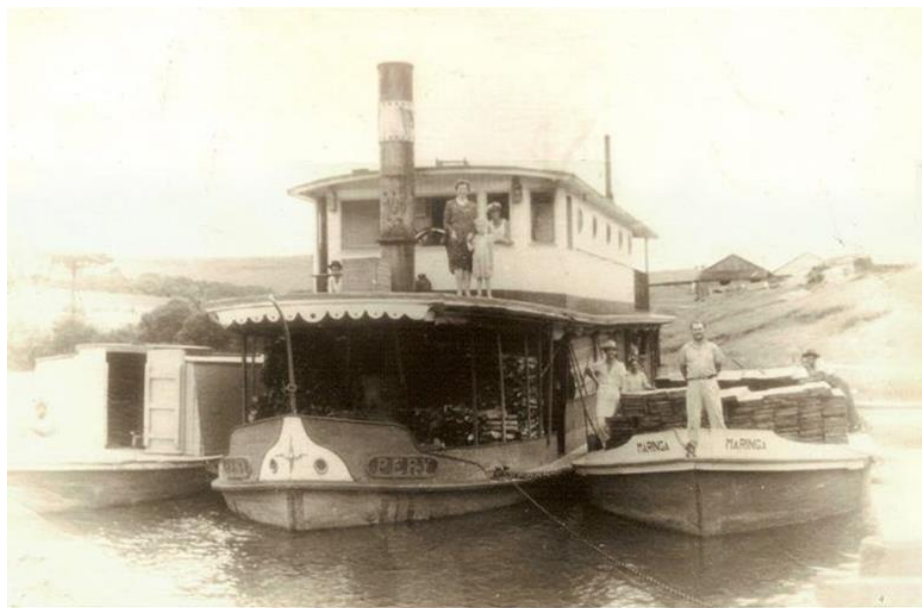
Figura 2. ESTAÇÃO FERROVIÁRIA DE FELIPE SCHMIDT NO ANO DE 1986



Fonte: Acervo do autor (2025)

A ferrovia articulava-se com a navegação fluvial no Rio Iguaçu, formando uma rede logística que estimulou o surgimento de um núcleo urbano próspero, com indústrias madeireiras, cerâmicas, alfaiatarias, mercados, hotéis, clubes sociais e escolas. O Vapor Pery, embarcação emblemática do período, conectava Felipe Schmidt aos portos de Porto União, União da Vitória e outras localidades (Figura 3).

Figura 3. VAPOR PERY EM 1925



Fonte: PMSMS (2024)

Estudos como os de Ansbach (2008), Bach (2006) e Karpinski (2011) demonstram que essa intermodalidade foi decisiva não apenas para a economia regional, mas para a constituição de circuitos sociais e culturais, ao conectar vilas emergentes, impulsionar fluxos migratórios e ampliar o alcance de ideias, bens e práticas culturais. No entanto, esse mesmo território de conexões também foi cenário de tensões e conflitos. Contudo, por trás dessa rede de integração e prosperidade, também se acumulavam tensões sociais e disputas por território, recursos e poder, que viriam a se manifestar de forma violenta nos anos seguintes.

Importante salientar que, a Guerra do Contestado (1912–1916) deve ser compreendida como um fenômeno histórico de múltiplas causas e dimensões, resultado da sobreposição de interesses políticos, econômicos, territoriais e culturais. Isso porque, o conflito envolveu a disputa de limites entre os estados do Paraná e Santa Catarina, a presença da Brazil Railway Company e de sua subsidiária madeireira (Southern Brazil Lumber & Colonization Co.), a expropriação de terras de pequenos posseiros, a instalação de colonos estrangeiros e a expansão do extrativismo madeireiro em detrimento das populações locais.

Ao lado desses fatores estruturais, a religiosidade popular exerceu papel decisivo na mobilização dos caboclos, assumindo caráter messiânico em torno das figuras de monges como José Maria e João Maria. Longe de ser mero pano de fundo espiritual, a fé popular expressava uma forma de resistência cultural e simbólica, reunindo elementos de esperança, pertencimento e organização comunitária diante das violências do processo de modernização e colonização da região.

Esse pano de fundo complexo ganha contornos dramáticos no episódio ocorrido em 1914, durante o conflito. Durante a Guerra do Contestado (1912–1916), o distrito de Felipe Schmidt foi palco da Chacina do Iguaçu, em 1914, quando 17 homens, em sua maioria imigrantes europeus, foram executados sob o comando do coronel Fabrício Vieira. Poyer (2016), com base em fontes diplomáticas, consulares e jornalísticas, identificou as vítimas e analisou as implicações políticas do episódio, que envolveu pressões internacionais sobre o governo brasileiro. Sua pesquisa rompe com narrativas oficiais que tradicionalmente silenciaram episódios de violência estatal durante o conflito (Figura 4).

**Figura 4. TÚMULO COLETIVO DAS VÍTIMAS DA
CHACINA DO IGUAÇU (1914)**



Fonte: Acervo do autor (2025)

Além do túmulo coletivo que relembra a Chacina dos 17, o local abriga uma placa memorial instalada após os estudos realizados por Poyer (2018), com a finalidade de tornar públicos os nomes e as origens das vítimas do episódio (Figura 5). A sinalização, mantida pelo atual proprietário do terreno, Sr. Dorcélio Dante Crestani, representa um gesto de reconhecimento histórico e simbólico.

Mais de um século após os acontecimentos, essa intervenção reafirma a inocência dos mortos e reintroduz suas trajetórias no imaginário local. O espaço, assim ressignificado, converte-se em marco de memória, convidando à reflexão sobre a violência institucional e à valorização da história coletiva associada à Guerra do Contestado.

Figura 5. NOMES DOS ASSASSINADOS NA CHACINA DOS 17



Fonte: Alves (2023)²

Com o fim da guerra e a gradual reestruturação econômica da região, Felipe Schmidt voltou a ocupar papel de relevância local. O Jararaca Sport Club, citado na reportagem, era visto como símbolo da sociabilidade e do orgulho comunitário.

A criação oficial do distrito ocorreu em 1953, por decreto municipal. Nas décadas seguintes, consolidou-se a infraestrutura institucional, com escolas públicas e privadas, coletoria, posto fiscal e transporte fluvial com balsas. A economia passou a se apoiar na agricultura familiar, e Felipe Schmidt consolidou-se como “celeiro do município”. Contudo, a decadência da

² Fotografia de Jorge Amaro Bastos Alves (2023).

ferrovia e o fim da navegação no Iguaçu — intensificados a partir dos anos 1950 — provocaram o desmonte da malha logística regional e contribuíram para o declínio gradual da vitalidade urbana.

Apesar disso, a localidade preserva importantes referências culturais e religiosas: a antiga estação ferroviária, casarões centenários, a igreja católica, o túmulo dos 17 e o Pocinho do Monge João Maria. Atualmente, moradores, escolas e lideranças locais buscam revalorizar esse patrimônio por meio da escuta intergeracional, de projetos escolares e da promoção do turismo histórico-religioso. Essas práticas articulam memória, religiosidade popular e pertencimento territorial, ainda que de forma incipiente.

RELIGIOSIDADE POPULAR COMO PATRIMÔNIO E POTENCIAL TURÍSTICO

A religiosidade popular no Distrito de Felipe Schmidt integra um sistema de crenças, práticas e memórias que organiza o cotidiano da comunidade e se manifesta em espaços simbólicos, festas religiosas, figuras devocionais e rituais de cura. Esse repertório espiritual, longe de representar um resíduo cultural do passado, constitui-se como um ativo vivo que contribui para a coesão social e para a construção de sentidos sobre o território.

A compreensão da Guerra do Contestado requer atenção à religiosidade popular como elemento estruturante tanto do conflito quanto de sua memória. Para Borba (2022, p. 45), “a religião foi uma força motriz na coesão social e resistência dos sertanejos/caboclos”, conferindo identidade coletiva e sentido de pertencimento em meio à opressão. Essa dimensão espiritual, longe de ser periférica, influenciou diretamente os desdobramentos da guerra e permanece viva no imaginário das comunidades do território em disputa.

A análise do conflito a partir do campo religioso permite resgatar significados profundos relacionados à mobilização popular. Conceição Neto (2021, p. 76) argumenta que considerar essa perspectiva “é de grande valia”, pois permite compreender não apenas o desenrolar do confronto, mas também as consequências que perduram até hoje. Silva T. (2019, p. 67) reforça que “a interseção de fatores econômicos, sociais e religiosos é essencial para uma análise holística” da guerra.

A fé depositada pelos caboclos nos monges itinerantes, como João Maria e José Maria, esteve diretamente ligada à ausência de estruturas religiosas institucionalizadas. Esses líderes assumiram o papel de guias espirituais e messiânicos, propagando uma religiosidade católica rústica (Conceição Neto, 2020, p. 80) que alimentava o sentimento de resistência e fortalecia o espírito comunitário. Segundo Firmino e Depieri (2009), suas mensagens de esperança incentivavam a coragem dos camponeses, e Souza (2021, p. 102) observa que relatos de milagres e profecias atribuídos a eles ampliaram sua influência como catalisadores do movimento.

Entre os elementos centrais da religiosidade local destacam-se a devoção ao Monge João Maria, a permanência das benzedadeiras e os relatos sobre Nhá Emília, mulher de fé e de práticas de cura que, ainda hoje, inspira respeito e admiração na comunidade. Esses personagens são associados a espaços sagrados, como o Pocinho do Monge João Maria, local de batismo simbólico, pedidos de bênçãos e rituais de fé (Figura 6), que recebe visitas de fiéis da região e de outros estados.

Figura 6. POCINHO DO MONGE JOÃO MARIA SITUADO EM FELIPE SCHMIDT



Fonte: Acervo do autor (2025)

Como afirma Fraga (2010, p. 129), o Contestado se constituiu como um movimento de natureza messiânica, e a atuação dos monges deixou registros em todo o Sul do país. Lima (2018, p. 89) acrescenta que sua liderança espiritual extrapolava o campo religioso, assumindo papel político na organização da resistência. Assim, a religiosidade popular pode ser compreendida não apenas como prática cultural, mas como força mobilizadora na luta por dignidade, território e preservação dos modos de vida tradicionais.

A religiosidade presente no distrito está enraizada nas práticas do catolicismo popular e nas expressões da espiritualidade cabocla, muitas vezes à margem das instituições religiosas oficiais. Essa configuração se alinha ao que Queiroz (1965) identifica como experiências messiânicas de base rural, onde a fé se entrelaça com a resistência cultural, a justiça popular e a memória do sagrado.

A permanência desses elementos no imaginário local, mesmo diante da urbanização e da secularização, revela a força das narrativas orais e das práticas comunitárias como formas de transmissão cultural. Nesse cenário, em consonância com Portelli (1997), a memória coletiva é construída menos como um registro factual e mais como um repertório de significados que confere identidade aos grupos sociais.

O patrimônio espiritual de Felipe Schmidt tem sido progressivamente reconhecido por meio de iniciativas locais, como a instalação de placas memoriais, revitalização do Pocinho e realização de projetos escolares que resgatem as histórias dos monges, das benzedadeiras e das festas religiosas. Tais práticas apontam para a possibilidade de organizar roteiros de turismo histórico-religioso articulados ao sentimento de pertencimento dos moradores.

Desa forma, cabe enfatizar que, conforme Almeida, Enoque e Oliveira Júnior (2020), o turismo religioso não se limita à visita de templos ou monumentos, mas envolve a vivência de práticas simbólicas, a escuta das narrativas locais e o respeito às formas singulares de expressão da fé. Nesse sentido, a religiosidade popular de Felipe Schmidt constitui-se como patrimônio imaterial que pode ser mobilizado em estratégias de desenvolvimento territorial, desde que respeitada sua autenticidade e protagonismo comunitário.

TURISMO HISTÓRICO-RELIGIOSO E DESENVOLVIMENTO REGIONAL

A articulação entre turismo e desenvolvimento territorial no Distrito de Felipe Schmidt depende da valorização de ativos culturais e da mobilização social em torno de práticas sustentáveis. Embora a atividade turística ainda seja incipiente na localidade, observa-se a presença de elementos estruturantes, como o patrimônio histórico da Guerra do Contestado, a religiosidade popular e a paisagem natural do Rio Iguaçu, que conferem identidade e potencial atrativo ao território.

A ausência de uma política pública estruturada de turismo, no entanto, limita a consolidação de um circuito local. O Plano Diretor Municipal, menciona o turismo como vetor de desenvolvimento, mas não apresenta ações concretas de investimento ou promoção do distrito como destino. Iniciativas pontuais, como visitas escolares, projetos de memória, sinalização de marcos históricos e revitalização do Pocinho do Monge, têm partido da mobilização comunitária e de educadores locais.

A experiência acumulada sugere que o turismo pode contribuir para o desenvolvimento territorial quando orientado por valores como participação social, reconhecimento das especificidades locais e fortalecimento das redes comunitárias. Diferentemente de um modelo exploratório baseado em grandes empreendimentos, o turismo de base cultural e religiosa promove o uso sustentável dos recursos simbólicos, estimula o sentimento de pertencimento e favorece a diversificação econômica.

No que tange ao conceito de desenvolvimento territorial adotado neste trabalho, esse remete à capacidade dos atores locais de planejar, organizar e dar sentido ao uso dos recursos do lugar. A memória da guerra, os espaços religiosos e a sociabilidade histórica da vila configuram ativos que, se articulados a práticas educativas e culturais, podem gerar oportunidades de renda, retenção de jovens e valorização da identidade local.

Nesse sentido, o turismo não é visto apenas como uma atividade econômica, mas como prática socioterritorial capaz de ativar memórias, fomentar reconhecimento e construir estratégias de futuro enraizadas nas dinâmicas do lugar. O desafio consiste em integrar essas iniciativas a um planejamento público coerente, que respeite os limites da comunidade, promova a escuta social e valorize o que os moradores reconhecem como parte significativa de sua história.

Ao mesmo tempo, é necessário reconhecer que o desenvolvimento não ocorre de forma linear ou isenta de contradições. Os processos de apropriação dos ativos locais envolvem disputas, tensões e diferentes formas de acesso aos benefícios gerados. Ainda assim, pode-se compreender o desenvolvimento territorial como um movimento contínuo e situado, que emerge de dinâmicas históricas e sociais específicas, articuladas a redes extraterritoriais e globais. Nessa abordagem, o desenvolvimento deixa de ser compreendido apenas como expansão econômica, e passa a incluir a valorização de recursos materiais e imateriais — saberes, memórias, paisagens, rituais — que, quando mobilizados com participação social, contribuem para a melhoria da qualidade de vida e o fortalecimento dos laços comunitários (Dallabrida *et al.*, 2014, p. 52).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O Distrito de Felipe Schmidt apresenta um conjunto de elementos históricos e religiosos que integram a paisagem, as narrativas e as práticas cotidianas da comunidade. A memória da Guerra do Contestado, a presença simbólica dos monges, os espaços de devoção popular e as referências à religiosidade cabocla compõem um repertório que pode ser reconhecido como patrimônio cultural. Esse conjunto de referências sustenta formas de pertencimento e pode ser mobilizado em estratégias que articulam turismo, educação e desenvolvimento territorial.

As práticas religiosas e as marcas do conflito não foram apagadas pelo tempo. Permanecem em locais de visitação, nos relatos sobre figuras místicas, nas festas religiosas e nos modos como os moradores explicam a história do lugar. Tais elementos constituem ativos que, se reconhecidos e trabalhados com participação local, podem contribuir para a geração de renda, a valorização da memória e a permanência da população jovem no território.

A análise indica que o turismo histórico-religioso, quando estruturado a partir da escuta das comunidades e da valorização de suas referências, pode desempenhar papel relevante na dinamização da economia local. Essa possibilidade, no entanto, exige planejamento, apoio institucional e articulação entre diferentes agentes, incluindo poder público, associações comunitárias, escolas e grupos religiosos.

A religiosidade popular, longe de ser um vestígio de tempos passados, continua organizando experiências, práticas e formas de sociabilidade. Quando reconhecida como parte da história e da identidade local, pode compor uma proposta de turismo que não apenas visita espaços, mas compartilha sentidos.

A continuidade dessas ações depende da valorização da memória como fundamento de um projeto de desenvolvimento que seja territorializado e atento às formas locais de organização. A escuta dos moradores, o fortalecimento de vínculos intergeracionais e o reconhecimento dos espaços de fé como parte da cultura local são caminhos possíveis para a construção de políticas públicas que articulem turismo e preservação do patrimônio.

REFERÊNCIAS

1. ALMEIDA, Lorrana Laila Silva de; ENOQUE, A. G.; OLIVEIRA JÚNIOR, Antonio de. Turismo religioso como fonte de desenvolvimento local: um estudo acerca da produção do espaço urbano a partir da prática turística religiosa. **Marketing & Tourism Review**, [S. l.], v. 4, n. 2, 2020. DOI: 10.29149/mtr.v4i2.5538. Disponível em: <https://revistas.face.ufmg.br/index.php/mtr/article/view/5538>. Acesso em: 26 maio. 2025.
2. ALVES, Jorge Amaro Bastos. **O turismo como fator de contribuição para o desenvolvimento local: uma análise do planejamento municipal de Piraquara – Paraná**. 2008. 170 f. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Universidade Federal do Paraná, Curitiba. Disponível em: <https://acervodigital.ufpr.br/handle/1884/14938>. Acesso em: 23 maio 2025.
3. ALVES, Jorge Amaro Bastos. Arranjo produtivo local e desenvolvimento regional: uma reflexão do APL de Turismo Rota da Amizade (SC, Brasil). **Turismo & Sociedade**, Curitiba, v. 3, n. 1, p. 8-36, 2010. ISSN 1984-4867. Disponível em: <https://revistas.uepg.br/index.php/turismo/article/view/171>. Acesso em: 23 maio 2025.

4. ANSBACH, Osmar. **Navegando na memória**: o patrimônio cultural da extinta hidrovia do Rio Iguaçu. 2008. 139 f. Dissertação (Mestrado em Gestão do Território: Sociedade e Natureza) - Universidade Estadual de Ponta Grossa, Ponta Grossa, 2008. Disponível em: <https://tede2.uepg.br/jspui/bitstream/prefix/507/1/Osmar%20Ansbach.pdf>. Acesso em 26 maio 2025.
5. A Notícia. **Jararaca e sua pujança econômica**. Joinville, 1931. Reproduzido por Josmar Kaschuk (2023) com base em acervo de jornais do Arquivo Público de Canoinhas.
6. BACH, A. M. Vapores. Ponta Grossa: Ed. UEPG, 2006. 493 p.
7. BISHOP, C. W. **Relatório da Brazil Railway Company**. Boston: Arquivo da Companhia, 1917. [Relatório interno consultado por Josmar Kaschuk, 2023].
8. BORBA, L. **A influência da religião na Guerra do Contestado**. Editora História Viva. 2022.
9. CONCEIÇÃO NETO, B. Importância do messianismo para a guerra do contestado (1912 – 1916). **Geographia Opportuno Tempore**, [S. l.], v. 6, n. 2, p. 75–86, 2021. DOI: 10.5433/got.2020.v6.39768. Disponível em: <https://ojs.uel.br/revistas/uel/index.php/Geographia/article/view/39768>. Acesso em: 22 maio. 2025.
10. DALLABRIDA, Valdir Roque et al. Indicação geográfica da erva mate no território do contestado: reflexões e projeções. **DRd-Desenvolvimento Regional em Debate**, v. 4, n.2, p. 44-77, 2014. Disponível em: <https://www.redalyc.org/pdf/5708/570862017004.pdf>
11. Acesso em: 26 maio 2025.
12. DENZIN, N. K.; LINCOLN, Y. S. **O planejamento da pesquisa qualitativa**: teorias e abordagens. 2. ed. Porto Alegre: Artmed, 2006.
13. ELLIS, C.; ADAMS, T. E.; BOCHNER, A. P. Autoethnography: an overview. Forum: **Qualitative Social Research**, v. 12, n. 1, jan. 2011. Disponível em: <https://www.qualitative-research.net/index.php/fqs/article/view/1589>. Acesso em: 23 maio 2025.
14. FRAGA, N. C. **O Sertão Contestadista e a Territorialidade Tradicional**. Florianópolis: Editora da UFSC, 2001.
15. FRAGA, N. C. **Vale da Morte**: O Contestado Visto e Sentido “Entre a Cruz de Santa Catarina e a Espada do Paraná”. 1ª edição. Blumenau: Hemisfério Sul, 2010.
16. FLICK, U. **Uma introdução à pesquisa qualitativa**. 2. ed. Porto Alegre: Bookman, 2004.
17. FIRMINO, L. A.; DEPIERI, B. L.V. A Guerra do Contestado: Um Conflito Social e Messiânico. In: IV CONGRESSO INTERNACIONAL DE HISTÓRIA, 4, 2009. **Anais...** Maringá: UEM, 2009. p. 1 -9. Disponível em: <http://www.pph.uem.br/cih/anais/trabalhos/624.pdf>. Acesso em: 22 maio. 2025.
18. KARPINSKI, Cezar. **Navegação, cataratas e hidrelétricas**: discursos e representações sobre o Rio Iguaçu (Paraná, 1853-1969). Tese (doutorado) - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Programa de Pós-graduação em História, Florianópolis, 2011. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/bitstream/handle/123456789/95524/295821.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em: 26 maio 2025.
19. KASHUK, Josmar; GUDAS, Diego; MARCHESAN, Jairo. **Breves considerações históricas sobre a comunidade rural de Felipe Schmidt – Canoinhas (SC)**. A Gazeta Tresbarrense, Três Barras/SC, 10 abr. 2023. Disponível em: <https://aconteceuemcanoinhas.com.br/breves-consideracoes-historicas-sobre-a-comunidade-rural-de-felipe-schmidt-canoinhas-sc/>. Acesso em: 26 maio 2025.

20. LIMA, R. **Religião e Conflito**: Estudos sobre a Guerra do Contestado. Editora Acadêmica. 2018
21. PORTELLI, A. O que faz a história oral diferente. Tradução: Maria Therezinha Janine Ribeiro. Revisão Técnica: Déa Ribeiro Fenelón. **Projeto História**, São Paulo, n. 14, p. 25-39, 1997. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/revph/article/view/11233/8240>. Acesso em: 23 maio 2025.
22. PMSMS – Prefeitura Municipal de São Mateus do Sul. **Uma capsula do tempo da história do Paraná**. São Mateus do Sul: Prefeitura Municipal. Disponível em: <https://saomateusdosul.tur.br/atrativo-turistico/vapor-pery/>. Acesso em: 26 maio 2025.
23. POYER, Viviani. A chacina do Iguaçu: fontes diplomáticas, imprensa e historiografia. In: XV Encontro Regional de História da ANPUH-PR, 2016, Curitiba. **Anais...** Curitiba: ANPUH-PR, 2016. Disponível em: https://www.encontro2016.pr.anpuh.org/resources/anais/45/1467408098_ARQUIVO_Tex tocomp.VivianiPoyer.pdf. Acesso em: 25 maio 2025.
24. POYER, Viviani. **Fronteiras de uma guerra**: imigração, diplomacia e política internacional em meio ao movimento social do Contestado 1907-1918. Tese de Doutorado. Universidade Federal de Santa Catarina: Doutorado em História, 2018.
25. QUEIROZ, Maria Isaura Pereira de. **Messianismo no Brasil e no mundo**. São Paulo: Dominus. 1965.
26. SILVA, T. **Aspectos Sociais e Religiosos da Guerra do Contestado**. Editora Universitária. 2019
27. SOUZA, R. Milagres e Profecias na Guerra do Contestado. **Revista Brasileira de História**, v. 20, ed 3, p. 98-115, 2021.